



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH) - CAMPUS VI**  
**COLEGIADO DE HISTÓRIA**

VITÓRIA SÉFORA AZEVEDO SILVA

**IMAGINÁRIO MAÇÔNICO NA CULTURA POP: UM OLHAR SOBRE O LIVRO O**  
***SÍMBOLO PERDIDO*, DE DAN BROWN (2009)**

CAETITÉ-BAHIA  
2025

VITÓRIA SÉFORA AZEVEDO SILVA

**IMAGINÁRIO MAÇÔNICO NA CULTURA POP: UM OLHAR SOBRE O LIVRO *O SÍMBOLO PERDIDO*, DE DAN BROWN (2009)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à disciplina Pesquisa Histórica IV, na Universidade do Estado da Bahia – campus VI, Departamento de Ciências Humanas, com vistas à obtenção da graduação de Licenciatura em História.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Moura Rocha de Souza e Prof. Dr. João Batista Vicente do Nascimento.

CAETITÉ-BAHIA  
2025



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH  
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**VITÓRIA SÉFORA AZEVEDO SILVA**

**IMAGINÁRIO MAÇÔNICO NA CULTURA POP: UM OLHAR SOBRE O LIVRO O  
SÍMBOLO PERDIDO, DE DAN BROWN (2009)**

Trabalho de conclusão de curso aprovado pela banca examinadora para obtenção do grau de licenciada em História na Universidade do Estado da Bahia com nota: 10,0.

Caetité, 07 de Julho de 2025.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. Daniela Moura Rocha de Souza**

**Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI -**

---

**Prof. Dr. João Batista Vicente do Nascimento - Coorientador**  
Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

---

**Prof. Dr. Jairo Carvalho do Nascimento**

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI – UNEB

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por todo o apoio, amor e incentivo ao longo desses anos de graduação. Especialmente aos meus pais, Valdenice de Azevedo Silva e Olezino José da Silva, que nunca me impediram de sonhar e sempre foram o meu lar em momentos difíceis e/ou felizes.

As minhas amigas Bruna Aguiar Gomes e Reynara Dias Silva Cardoso por me proporcionarem momentos de alegria e de parceria mútua, e por formarem a minha torcida particular desde a infância.

Ao meu namorado, Willian Fernandes Teixeira, por todas as risadas e por todo o amor ao longo desses sete anos de relacionamento. Obrigada por fazer a minha vida mais leve e por sempre incentivar todas as minhas escolhas.

A minha prima Priscila Miranda por todo o incentivo, por todas as conversas e por ser uma das minhas inspirações nessa jornada acadêmica.

Aos meus amigos, Hermínio, Nayra, Rute, Leilane, Yan e Pâmela por todo o companheirismo, por todos os conselhos e por todos os momentos incríveis que passamos juntos durante a graduação. Vocês foram o meu farol dentro da universidade.

A UNEB e a todos os professores que estiveram ao meu lado ao longo desse processo de aprendizagem e que me mostraram o verdadeiro significado do fazer docente. Agradeço ao Prof. Dr. João Batista Vicente do Nascimento por estender a sua mão quando mais precisei. E, especialmente, agradeço de coração à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daniela Moura por me acolher de braços abertos quando apresentei a ideia inicial dessa pesquisa. A senhora é um exemplo de profissional e de ser humano, sempre serei grata por toda a escuta, por todos os ensinamentos e por toda a compreensão que sempre ofereceu a mim.

A todos que, nesta busca pelo conhecimento — nosso próprio "Símbolo Perdido"—, tornaram possível a construção desta pesquisa. Que a luz do entendimento nos guie no labirinto do imaginário social.

## RESUMO

O presente trabalho analisa como o livro *O Símbolo Perdido*, de Dan Brown (2009), contribui para o desenvolvimento do imaginário social contemporâneo sobre a maçonaria. Adotando a perspectiva da História Cultural, com base em autores como Sandra Pesavento, Roger Chartier, Peter Burke e Beatriz Sarlo, investiga-se a obra como uma rica fonte histórica das representações sociais. A análise evidencia que a maçonaria é retratada em três faces. A face real explora características e rituais autênticos da fraternidade, como a arquitetura maçônica de Washington D.C., rituais e símbolos, e reflete sobre o papel contemporâneo da instituição e a reação pública à exposição de seus segredos. A face não explicada/romantizada idealiza e generaliza aspectos, omite e revela certa parcialidade do autor. Já a face mística atribui uma aura de mistério, conectando a maçonaria a segredos, fomentando ideias de superioridade intelectual, círculos de poder e teorias conspiratórias. Ao mesclar elementos reais e ficcionais com estratégias narrativas (cenários autênticos, personagens eruditos), Brown cria uma tênue fronteira que molda a percepção do leitor. Conclui-se que a obra, embora não busque veracidade histórica estrita, alcança verossimilhança, contribuindo para um imaginário maçônico multifacetado. Este oscila entre o fascínio pelo seu secretismo, o respeito por seus valores declarados e a desconfiança alimentada por especulações e teorias conspiratórias.

**Palavras-chaves:** Imaginário. Maçonaria. Cultura Pop. *O Símbolo Perdido*.

## 1. INTRODUÇÃO

Satanistas; políticos poderosos; conspiradores; ocultistas; esclarecidos; responsáveis pela Revolução Francesa; filantropos; hereges; comunistas; homens éticos e com valores; líderes da Nova Ordem Mundial; velhos presos a antigos rituais. Esses e muitos outros termos foram e continuam sendo utilizados para designar os membros da maçonaria ao longo de sua história e em diversos lugares do mundo. Mesmo sendo uma instituição originada na Europa há muitos séculos atrás, ainda hoje, a maçonaria segue despertando grande interesse nos indivíduos dos variados setores da sociedade: basta digitar o seu nome na aba de pesquisa do Google e do Youtube que inúmeros sites e vídeos irão aparecer abordando a sua temática a partir de diversas percepções.

Para além do mundo digital, cada vez mais é perceptível o uso da história dos maçons como pano de fundo para a fomentação de produtos mercadológicos da cultura pop, como filmes, séries e livros. Entendendo que os resultados materiais dessa cultura, devido à magnitude do seu alcance e de sua estrutura específica, podem ser grandes ferramentas para o enraizamento de certas ideias e conceitos que orientam a nossa vida social contemporânea, o presente trabalho tem como objetivo analisar como a obra *O Símbolo Perdido*, escrita pelo autor best-seller Dan Brown em 2009, representa a maçonaria e contribui com o desenvolvimento de um imaginário maçônico atual.

Elencar a instituição maçônica como objeto de pesquisa deste trabalho de conclusão de curso foi uma escolha que emergiu a partir de quatro principais fatores. 1º) A recorrência de relatos e constatações discrepantes que diversos indivíduos do meu convívio já realizaram acerca da fraternidade, baseados em crenças, ideologias, vivências, constatações científicas e/ou visões de mundo. 2º) O fato da maioria dos meus professores da graduação, ao falarem sobre os maçons, discorrerem sobre dada atribuição somente como um adjetivo e por quase nunca explorarem a atuação e as relações da maçonaria na História. 3º) A constatação de que as pesquisas acadêmicas sobre essa instituição não são tão expressivas se comparadas com outras temáticas contemporâneas ao seu surgimento e que, muitas vezes, são relacionadas a ela – como o Iluminismo<sup>1</sup>. 4º) A percepção de que nas poucas pesquisas sobre a maçonaria presentes no banco de dados do Capes Teses e Dissertações se tem uma repetição de temas como política e a relação da fraternidade com a Igreja Católica no Brasil, em detrimento de discussões que versem sobre as dimensões sociais e culturais existentes. Já a escolha por uma

---

<sup>1</sup> CAPES. Catálogo de Teses e Dissertações. Disponível em: < <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em: 17 de junho de 2025.

fonte literária justifica-se devido a sua capacidade de ir além da ficcionalidade e representar traços simbólicos e culturais de uma comunidade, sendo, desse modo, um testemunho de si mesma. Assim, embora contenha traços próprios de uma narrativa ficcional, a literatura se estabelece como uma rica fonte histórica por possibilitar ao historiador um vislumbre de como determinada sociedade enxerga/interpreta e representa o mundo ao seu redor e a si própria. Diante disso, a análise que se segue tem como respaldo teórico-metodológico autores que discutem sobre elementos da História Cultural, como Sandra Pesavento, Roger Chartier, José D'Assunção Barros, Peter Burke e Beatriz Sarlo, por entender que essa abordagem possibilita um estudo qualificado sobre as relações entre a Literatura e a História.

Já para discutir sobre a história da maçonaria a partir do campo historiográfico iremos nos valer de autores como John Dickie, Margaret Candee Jacob, Celia Maria Marinho de Azevedo, Alexandre Mansur Barata, entre outros. E, tendo ciência da existência de ricos trabalhos sobre a temática realizados por maçons, escritores como Alain De Keghel também serão abordados. Ponderando a importância de como o público recebe, analisa e interpreta o conteúdo literário, comentários de leitores de *O Símbolo Perdido* no Skoob (uma das maiores redes sociais voltada para a leitura no Brasil) serão utilizados nas páginas que se seguem.

Para melhor condução da leitura e compreensão dos argumentos desenvolvidos, este trabalho está estruturado em cinco seções principais. Após esta introdução, a Seção 2, intitulada "Mas afinal, o que é a História Cultural?", aprofundará o referencial teórico-metodológico da História Cultural, discutindo seus conceitos centrais e sua relevância para a análise de produções literárias. Em seguida, a Seção 3, "Por dentro de O Símbolo Perdido: Autor, Estrutura e Conteúdo", apresentará a obra de Dan Brown, detalhando sua estrutura narrativa, o enredo e o perfil do autor, situando o livro no contexto da cultura pop. A Seção 4, "A Maçonaria e O Símbolo Perdido: Historiografia e Representação", constitui o cerne da análise, dividindo-se em duas subseções: "A Maçonaria e a Historiografia Maçônica", que abordará a história e o secretismo da instituição e os desafios de sua historiografia, e "A Apoteose Humana: Representação e Imaginário Maçônico", onde será explorada a representação da maçonaria em suas três faces – real, não explicada/romantizada e mística – e as estratégias narrativas de Brown. Por fim, as "Considerações Finais" sumarizarão os principais achados da pesquisa e suas implicações para o entendimento do imaginário maçônico contemporâneo.

## 2. MAS AFINAL, O QUE É A HISTÓRIA CULTURAL?

Em um contexto histórico marcado pelas mazelas políticas, econômicas e sociais oriundas do fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, o campo historiográfico se viu diante de uma crise dos paradigmas explicativos da realidade por volta dos anos de 1970 e 1980. Como aponta Pesavento (2012), a dinâmica social existente desse período se tornou cada vez mais complexa devido às questões, interesses, modos de pensar e de agir que os grupos emergentes trouxeram consigo para o palco das pesquisas das ciências humanas. Diante desse cenário, sobretudo pela influência causada pelo impulso renovador dos *Annales*, a historiografia passou por uma abertura científica que proporcionou a formulação da História Cultural ou Nova História Cultural, corrente que, hoje, é responsável por 80% da produção historiográfica brasileira<sup>2</sup>.

A partir desse movimento de transformações científicas, a pesquisa histórica se viu diante de diversas possibilidades: abriu-se um leque de novos temas e conceitos para serem analisados e discutidos (Burke, 2012). A título de exemplificação pode-se destacar: as representações sociais; o imaginário coletivo; a cultura simbólica; a pluralidade de sujeitos históricos; as sensibilidades, as emoções, os valores e as subjetividades; as cidades; a história do tempo presente; as imagens; e etc.

Em se tratando da História Cultural, como o próprio nome já diz, a nova corrente historiográfica desenvolveu, ponderando alguns trabalhos anteriores que já apontavam para isso – como os escritos de Gramsci e Marcel Mauss, por exemplo –, um novo olhar para a cultura enquanto tema de pesquisa. Se antes esse conceito inclinava-se para uma oposição entre o popular e o erudito; e para um domínio da elite respaldado na *belle époque*, a partir dessa nova corrente de pesquisa, a cultura passou a ser entendida como “um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. [...] uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica” (Pesavento, 2012, p. 8). Dessa maneira, os sentidos que os sujeitos sociais conferem às suas ações, aos seus símbolos, seus códigos e às suas interações passaram a representar o modo como estes se enxergam e concebem o mundo ao seu redor, possuindo, assim, valorização apreciativa por si só.

Segundo Chartier (1990) ao analisar os objetos culturais devemos olhar para as práticas (costumes e os modos de fazer) e as representações (os modos como as práticas são interpretadas e compreendidas), uma vez que a interação entre esses dois aspectos é o que

---

<sup>2</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3ª ed. São Paulo: Autêntica, 2012, p.1.

possibilita a produção cultural. Com essa abordagem metodológica em vista, a Literatura surge para a História Cultural como uma fonte histórica que possibilita um estudo aprofundado sobre a cultura, visto a sua capacidade de abarcar o invisível, as formas de sentido e as sensibilidades. A narrativa literária proporciona uma imersão no imaginário de uma determinada época já que aponta os interesses, os valores, os tabus e os perfis dos indivíduos a partir das escolhas pelos conteúdos abordados, e se torna um testemunho de si própria diante da relevância que o tempo da escrita representa para o historiador. Entretanto, como aponta Pesavento (2003), é importante destacar que, embora tanto a História quanto a Literatura busquem construir narrativas verossímeis da realidade, apenas a primeira possui a preocupação de alcançar a veracidade dos fatos.

O imaginário pode ser compreendido como um sistema de representações coletivas, historicamente construído pelos homens para dar sentido ao mundo. Trata-se de uma construção social e simbólica que, embora se refira ao real, não o reflete diretamente, mas o ressignifica por meio de imagens, ideias, crenças e práticas (Pesavento, 2012). Ou seja, esse sistema é composto tanto por elementos cotidianos quanto por criações mentais que ultrapassam o que existe concretamente, articulando o vivido e o sonhado na produção da realidade. Por ter uma dimensão histórica, o imaginário varia conforme o tempo e se manifesta de forma ampla. Ele organiza o mundo social ao atribuir significados, estabelecer identidades e exclusões, hierarquizar diferenças e produzir tanto coesão quanto conflitos.

Em se tratando do imaginário coletivo é possível analisar que é um campo onde se encontram sonhos, representações coletivas que se expressam e os ritos que as cristalizam. Possuindo, assim, conjuntos de imagens, clichês, lembranças e heranças, além das produções constantemente distorcidas e reutilizadas a partir da “criatividade” que o imaginário utiliza para inventar novos objetos e suportes (Vovelle, 1991).

Ademais, como citado anteriormente, as noções de prática e representação apontadas por Chartier (2004) nos leva a analisar “os modos de fazer” e “os modos de ver”, nessa perspectiva, as escolhas do autor e os posicionamentos do público devem ser considerados nas análises entre a História e a Literatura. Além do escritor realizar representações em seu trabalho a partir de uma negociação que realiza com o seu meio social – ação que permite, inclusive, o afloramento da inspiração literária – (Chartier, 2004), ele “também poderá se tornar criador de novas representações, que encontrarão no devido tempo uma ressonância maior ou menor no circuito leitor ou na sociedade mais ampla” (Barros, 2003, p. 160). Nesse sentido, o autor assume um papel duplo no tratamento das representações: ele não apenas as expõe, mas também pode criá-las.

Já com relação aos leitores, a análise se torna mais complexa, visto que “devemos romper com a atitude espontânea que supõe que todos os textos, todas as obras, todos os gêneros, foram compostos, publicados, lidos e recebidos segundo os critérios que caracterizam nossa própria relação com o escrito” (Chartier, 1999, p. 197). Sendo assim, o ato de ler – juntamente com a recepção e a compreensão – passa a ser entendido como um movimento intelectual ativo e plural, dotado de suas particulares e simbolismos. Em suma, a leitura se torna um produtor cultural por possibilitar que cada leitor recrie o texto original de uma nova forma, inspirados pelas suas vivências individuais e/ou em grupos. Essas inéditas recriações podem ser compartilhadas em um mesmo contexto, contribuindo, assim, para a criação de novos modos de ver e de fazer as representações sociais. Portanto, como Pesavento (2012) concebe, a leitura enquanto prática criadora é tão importante quanto o gesto da escritura do livro.

### **3. POR DENTRO DE *O SÍMBOLO PERDIDO*: AUTOR, ESTRUTURA E CONTEÚDO**

Um renomado simbologista e professor de Harvard, Robert Langdon, foi convidado para realizar uma palestra no Capitólio dos Estados Unidos por seu amigo de longa data, Peter Solomon – milionário, intelectual, maçom e filantropo. Ao chegar ao local indicado, no entanto, Langdon se vê preso em uma armadilha estruturada por Mal´akh, um enigmático e perigoso sequestrador que mantém Solomon em cativeiro. Obcecado por antigos segredos, Mal´akh acredita que os pais fundadores de Washington – a maioria maçons – esconderam, pela arquitetura emblemática da capital do país, um tesouro capaz de dar poderes sobre-humanos a quem o encontrasse. Assim, envolvido em uma corrida contra o tempo para salvar a vida de seu amigo e deter o plano macabro de Mal´akh, o professor, tendo a ajuda de Katherine Solomon (irmã de Peter e uma renomada cientista especializada em ciência noética<sup>3</sup>, campo que investiga como a mente humana pode influenciar a realidade física), é lançado em uma trama coberta de símbolos escondidos, obras e monumentos de arte, verdades ocultas e códigos maçônicos. Tendo como cenário a arquitetura dos prédios e dos lugares históricos de Washington D.C., Langdon e Katherine, ainda, precisam lidar com a interferência da CIA a partir da figura de

---

<sup>3</sup> “Algumas pessoas valorizam a ciência. Outras valorizam a espiritualidade e a experiência direta. A IONS valoriza ambas. É hora de reuni-las — permitindo que cada uma se informe mutuamente, sem enfraquecer nenhuma delas, mas sim fortalecendo nossa compreensão geral da realidade. Nossa premissa: no nexos entre o conhecimento interno ( *noética* ) e a investigação externa ( *ciência* ), descobriremos maneiras inteiramente novas de ser e de fazer que elevam a humanidade e promovem a prosperidade para todos. Um campo de estudo multidisciplinar que reúne ferramentas e técnicas científicas objetivas com conhecimento interno subjetivo para estudar a natureza da realidade.” INSTITUTE OF NOETIC SCIENCES (IONS). Noetic Sciences. Disponível em: <<https://noetic.org/about/noetic-sciences/>>. Acesso em: 24 julho de 2025.

Inoue Sato: chefe do Escritório de Segurança da CIA que afirma que as atividades do sequestrador de Solomon representam um risco direto à segurança nacional.

A trama descrita acima é a base do conteúdo desenvolvido por Dan Brown ao longo das 627 páginas do livro *O Símbolo Perdido*. Tendo uma tiragem inicial recorde de 6,5 milhões de exemplares e a venda de um milhão de cópias em seu primeiro dia de venda<sup>4</sup>, o livro se tornou um best-seller quando foi lançado em 2009. Este feito, no entanto, não simbolizou algo inédito para o autor, uma vez que este possui uma bagagem com grandes sucessos como *Fortaleza Digital*, *Ponto de Impacto*, *Inferno*, *O Código da Vinci* e *Anjos Demônios* – sendo que essas três últimas obras foram adaptadas para o cinema, tiveram grande êxito de bilheteria e críticas diversas; já *O Símbolo Perdido* foi adaptado para a TV em forma de seriado (até o momento presente, possui apenas uma temporada). Com relação ao escritor em si, o seu site oficial apresenta a seguinte biografia<sup>5</sup>:

[...] Os romances de Brown são publicados em 56 idiomas em todo o mundo, com mais de 250 milhões de cópias impressas. [...] Filho de um professor de matemática e de um organista de igreja, Brown foi criado no campus de uma escola preparatória, onde desenvolveu um fascínio pela interação paradoxal entre ciência e religião. Esses temas acabaram formando o pano de fundo de seus livros. Ele se formou no Amherst College e na Phillips Exeter Academy, onde mais tarde retornou para lecionar inglês antes de se dedicar integralmente à escrita. Ele mora na Nova Inglaterra.

Levando em consideração todas essas informações biográficas, torna-se interessante analisar o êxito e a escrita de Brown. Devido ao modus operandi de desenvolver os seus livros, o escritor recebe fortes críticas literárias dos agentes especializados, que, por exemplo, repreendem a precarização literária e a postura midiática que as suas obras assumem. Para além do público qualificado, em se tratando das experiências dos leitores em geral, também pode-se perceber críticas variadas – sejam elas positivas e/ou negativas. Exemplificando, destaca-se abaixo comentários de indivíduos que leram *O Símbolo Perdido* e depositaram suas opiniões no Skoob, maior rede social literária do Brasil<sup>6</sup>:

[Leitor 1]: Depois de *Fortaleza Digital*, o primeiro livro do autor, o que se deu foi uma sequência de roteiros idênticos e pré-programados: leu um, leu todos, como dizem por aí. E isso é uma das piores coisas que um escritor pode fazer. A repetição. A extrapolação da paciência do leitor. Uma sensação horrenda de déjà vu, que eu, agora definitivamente, não pretendo experimentar de novo.

---

<sup>4</sup> DICKIE, John. **A Maçonaria**: Como os Pedreiros-livres Construíram o Mundo Moderno. Reimpressão 2022. Brasil: Edições 70, 2022.

<sup>5</sup> DAN BROWN OFICIAL (WEBSITE). Sobre o autor. Disponível em: < <https://danbrown.com/>>. Acesso em: 24 julho de 2025.

<sup>6</sup> SKOOB. Resenhas para *O Símbolo Perdido*. Skoob, [s.d.]. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/47661/edicao:478047>. Acesso em: 20 de março de 2025.

[Leitor 2]: Com esse terceiro livro comecei a notar um certo padrão nas histórias do Robert Langdon. Ele é como um Scooby Doo (pelo menos até aqui). Sempre começa com um dia "normal". Então tem uma catástrofe ou algo assim. Ele é chamado para a ação (como se fosse ligado um bat-sinal). No fim ele acaba se envolvendo em uma trama de conspiração, sempre com uma mocinha que "não resiste ao charme magnético" dele. E no fim ele sempre salva o dia. O interessante é que é justamente essa padronização que faz as histórias ficarem boas e atraentes. Eu me senti preso na trama, pois vários elementos usados nela me eram familiares por padrões da cultura pop (Scooby Doo, conspirações, Indiana Jones, Batman, 007, etc). Recomendo muito a leitura, e definitivamente já estou indo para o 4º volume.

Sumariamente, esses dois leitores apontaram aspectos literários da obra de Brown que influenciaram na experiência leitora de cada um. Em destaque, evidencia-se citações ao padrão narrativo que o autor utiliza em seus títulos. Essa padronização pode ser entendida como um clichê, ou seja, “como parte de uma linhagem que tenta dialogar com o senso comum, com o “gosto médio”, com as formas simples de dizer. [...] O clichê é uma chave de entendimento das “engrenagens” discursivas das indústrias da cultura.” (Soares, 2014, p. 11). A utilização dessa técnica durante a escrita, como os comentários acima expuseram, pode gerar animosidade e/ou apreço por parte dos leitores e, principalmente, é alvo de críticas ferrenhas do público especializado. Contudo, nota-se que, mesmo diante do manuseio entusiasmado do clichê por Dan Brown, o escritor segue liderando *rankings* dos mais vendidos por todo o mundo.

Esse fato é resultado direto das dinâmicas culturais que predominam na atualidade: os letrados, ou a cultura elitista, que antes possuíam o monopólio sobre este campo, agora estão sendo desafiados pelos novos mecanismos, produtores e consumidores das produções que, por sua vez, seguem ditando a moda (Sarlo, 1997). A partir desse novo contexto, desenvolve-se a cultura pop, a qual, conforme aponta Thiago Soares, pode ser compreendida como:

[...] conjunto de práticas, experiências e produtos norteados pela lógica midiática, que tem como gênese o entretenimento; se ancora, em grande parte, a partir de modos de produção ligados às indústrias da cultura (música, cinema, televisão, editorial, entre outras) e estabelece formas de fruição e consumo que permeiam um certo senso de comunidade, pertencimento ou compartilhamento de afinidades que situam indivíduos dentro de um sentido transnacional e globalizante (Soares, 2014, p. 02).

Assim, a lógica do capital, do entretenimento e do consumo se torna uma bússola para as produções inseridas no seio da cultura pop e com *O Símbolo Perdido* a situação não é diferente. Dan Brown, para mobilizar a consciência do leitor e provocar o seu imaginário e sensibilidade, faz o uso de temas que causam polêmica e chamam a atenção da sociedade (Reis, 2008), como teorias da conspiração, segredos de pessoas históricas e os aspectos que envolvem a maçonaria. Atrelado a isso, o escritor traz à tona elementos que resgatam conhecimentos já

existentes no intelecto dos leitores, a exemplo de lugares históricos, obras e monumentos de arte. Todo esse conteúdo, por sua vez, é organizado através de capítulos curtos, com ritmo acelerado, narrados a partir de variados pontos de vista (na terceira pessoa) e com finais que surpreendem tal qual o gênero novelístico – a título de exemplificação nota-se que mesmo contendo mais de 600 páginas, toda a história do livro acontece em menos de 48 horas. Além do mais, Brown oferta em sua escrita várias menções à algumas atividades que o personagem principal de sua saga, Robert Langdon, realizou em outros momentos de sua vida, ou seja, nos momentos que ocorreram em seus outros livros. Essa manobra literária desperta a curiosidade do leitor, o impulsionando a buscar por mais aventuras do famoso simbologista e professor de Harvard, uma vez que já se encontra entretido com a sua leitura atual.

Sendo assim, ao analisar *O Símbolo Perdido* é preciso entender a sua diferenciação com relação aos clássicos literários, não sendo uma sublitteratura ou uma literatura inferior, mas sim uma com objetivos e especificidades diferentes, que se volta mais para o prazer/lazer e entretenimento, e que possui uma valorização própria. Haja vista que as obras “muito distantes do que seja a alta literatura ou romances populares revelam um horizonte de expectativas pertinente, por exemplo, ao imaginário das camadas populares de um momento dado da história” (Pesavento, 2003, p. 42). Por fim, ainda segundo Pesavento (2003), vale destacar que, para a pesquisa histórica, mesmo que uma fonte não esteja condizente com os padrões estético-literários do público especializado, a sua legitimidade enquanto vestígio do passado ou seu potencial enquanto evidência portadora de historicidade não são comprometidos.

#### **4. A MAÇONARIA E O SÍMBOLO PERDIDO: HISTORIOGRAFIA E REPRESENTAÇÃO**

##### **4.1. A MAÇONARIA E A HISTORIOGRAFIA MAÇÔNICA**

Essencialmente, a maçonaria é uma instituição hierárquica formada por homens<sup>7</sup> unidos por laços fraternais, juramentos, rituais de iniciação e por simbolismos próprios. Tem como objetivo promover a busca por um aperfeiçoamento moral e intelectual do indivíduo iniciado por meio da ética, filantropia (interna e externa) e uma espiritualidade não dogmática. Embora detenha esse elemento espiritual, a maçonaria não se constitui como uma religião, tampouco como uma organização de natureza político-partidária, uma vez que valoriza a liberdade de crença e de pensamento ideológico. Ademais, as atividades maçônicas ocorrem nas chamadas Lojas e são estruturadas a partir de distintos sistemas ritualísticos, visto a pluralidade de ritos

---

<sup>7</sup> Essa definição está levando em consideração a maçonaria clássica, não mencionando as Lojas de Adoção, as Lojas Mistas e a recente Maçonaria Feminina.

presentes no seio da instituição. Por fim, destaca-se o seu secretismo interno como traço mais distintivo e responsável por lhe conferir uma aura de mistério e fascínio — aspecto que, em grande medida, contribui para o seu reconhecimento e projeção no imaginário social.

As pesquisas sobre essa organização fraterna são conduzidas, primordialmente, por dois grupos distintos: acadêmicos e não acadêmicos. Estes últimos, por sua vez, são subdivididos em indivíduos vinculados à maçonaria e em escritores antimaçônicos que acabam manifestando os seus posicionamentos em tais obras. Segundo Eliane Colussi (1998) os trabalhos com esse aspecto de parcialidade representam uma grande maioria, o que acaba simbolizando, juntamente com a dificuldade de acesso às informações/documentos internos e a forte presença de um imaginário obscuro/místico por parte do público em geral acerca da instituição, um grande desafio para a historiografia maçônica acadêmica. Contudo, nas últimas décadas, os estudos sobre a maçonaria vêm sendo alvo de mudanças significativas, sobretudo na Europa. Novos olhares temáticos que analisam as particularidades da fraternidade e as suas relações com os seus contextos históricos de inserção ao longo do tempo, surgem como premissas instigantes para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre este campo.

Todavia, esse cenário de renovação não se concretizou totalmente em nosso país, visto que “no Brasil, a maçonaria mantém-se ainda muito nebulosa e obscura em razão da própria marginalização a que a historiografia acadêmica a relegou, o que permitiu que a visão bipolarizada - oriunda, de um lado, da história escrita pelos próprios maçons e, de outro, dos seus inimigos, quase sempre católicos - se tornasse predominante” (Colussi, 1998, p. 19). Assim, pesquisas brasileiras que abordam a história da maçonaria para além da Questão Religiosa e da Independência do Brasil – assuntos que, em sua grande maioria, são predominantes nos trabalhos historiográficos do país sobre a fraternidade – caracterizam-se como essenciais.

De acordo com Célia Azevedo (1997), a origem da franco-maçonaria advém da transformação dos elementos operativos (técnicas e saberes de produção) para os especulativos (discussões e análises intelectuais e artísticas) nas guildas dos pedreiros europeus no final da Idade Média e início da Idade Moderna. A partir desse pressuposto, essas guildas, por possuir uma itinerância proporcionada pela Igreja Católica e por permitir o estabelecimento de laços em diversas localidades, chamaram a atenção de indivíduos que não praticavam o ofício, mas achavam vantajoso adentrar na organização para sociabilizar e desenvolver estudos sobre temas diversos. Desse modo, no início do século XVIII na Grã-Bretanha, teria ocorrido a sobreposição do aspecto operativo para o especulativo, originando, assim, a maçonaria moderna. Entretanto, estudos mais recentes contestam essas informações:

O facto incontornável é que, dentre todos os muitos artesãos da Idade Média inglesa, os pedreiros eram os que menos probabilidades tinham de ver a sua organização laboral durar tantos séculos e transformar-se numa irmandade como a maçonaria. Várias gerações de historiadores maçônicos não conseguiram demonstrar uma ligação entre o que eles designam por pedreiros operativos – homens com cinzéis e fios de prumo, músculos e calos – e os pedreiros-livres especulativos dos dias de hoje – homens cujas ferramentas têm um significado filosófico e não um uso prático. [...] Só podemos aproximar-nos de uma resposta se olharmos não para a realidade das vidas dos pedreiros medievais, mas para a sua cultura e história, cujos elementos foram mais tarde incorporados na maçonaria (Dickie, 2022, p. 35).

Em seu trabalho de 2022, intitulado “A maçonaria: como os pedreiros-livres construíram o mundo moderno”, John Dickie aponta que os historiadores maçônicos não conseguiram estabelecer uma ligação direta entre os pedreiros operativos e os maçons modernos exceto com relação aos seus materiais de trabalho, suas crenças e os seus costumes – estes últimos perpetuados e conhecidos por Antigas Obrigações, um acervo de regras, símbolos, segredos, palavras-passe e juramentos tradicionais dos pedreiros medievais (algo que era comum às guildas da época). Se baseando no *The Origins of Freemasonry: Scotland’s Century, 1570-1710* de David Stevenson (1988), Dickie aponta que a real origem da maçonaria moderna remonta ao nascimento da modernidade, quando as Lojas de Schaw – rede de lojas secretas para o ofício de pedreiro, criadas na Escócia por Willian Schaw (mestre de obras do rei Jaime VI) a partir de uma reunião com os profissionais em 1598 – se espalharam para a Inglaterra e se tornaram conhecidas como Aceitação.

Em suma, o fato é que, após a sua montagem inicial, a franco-maçonaria vivenciou um rápido e exponencial crescimento não só por todo o território britânico, como por demais localidades continentais, inclusive na América. A sua progressão de crescimento não foi uniforme e nem contínua, pois assumiu certas especificidades de acordo com cada realidade local (Barata, 1994). Contudo, a maçonaria conseguiu preservar, ao longo de sua trajetória, um traço profundamente característico: “onde quer que a maçonaria se instalou, a sua influência penetrou na sociedade” (Dickie 2022, p. 16). Essa capacidade de exercer influência, moldada pelas distintas temporalidades e contextos socioculturais, manifestou-se sob múltiplas formas, sendo passível de interpretações tanto positivas quanto negativas.

Ademais, não se pode discorrer sobre a maçonaria sem evidenciar o papel que o seu secretismo exerce sobre a sua funcionalidade e o seu legado. Se a instituição fosse apenas uma fraternidade que objetiva a busca por um aperfeiçoamento pessoal através de rituais e

simbolismos, a sua trajetória não seria marcada por tantas polêmicas e inquietações. O secretismo inviolável da maçonaria, de acordo com John Dickie, é:

[...] o estímulo que a torna emocionante e atraente. Entre outras coisas, o secretismo tem um encanto que chamou muitos milhões de homens para a maçonaria. Parte da atração de ser maçom é o prestígio que advém de pertencer a um grupo tão exclusivo. O secretismo garante essa exclusividade: a posse dos segredos maçônicos, sejam eles quais forem, é o que distingue um maçom de um *cowan* [um não-maçom]. (Dickie, 2022, p. 16).

A aura de mistério proporcionada por esse secretismo abre precedentes para a criação das mais variadas teorias da conspiração. Por não terem acesso às atividades e aos segredos defendidos internamente nas Lojas maçônicas, muitos *cowan* se debruçam no mar de especulações e teorizações, mesclando discursos plenamente plausíveis com discursos mirabolantes. Um dos primeiros casos registrados envolvendo essas teorias data do século XVIII, quando o abade francês Augustin Barruel escreveu a sua obra mais famosa, “*Mémoires pour servir à l’Histoire du Jacobinisme*”, e afirmou que a maçonaria era responsável por conspirar e arquitetar a Revolução Francesa (1789-1799). Mesmo após Barruel não conseguir apresentar um argumento sólido que atestasse a participação da fraternidade na Revolução a partir de um plano político único, a fama de sua obra perpassou gerações e foi responsável por influenciar a formulação de inúmeras outras teorias conspiratórias maçônicas. Para mais, seguindo essa herança do abade francês, atualmente, pelas redes sociais e pelas produções da cultura pop, verifica-se a proliferação dessas conspirações e alguns temas se destacam por serem recorrentes: a maçonaria dos Illuminati e a Nova Ordem Mundial; a maçonaria mística; a maçonaria e a adoração à satanás; a maçonaria anticristã conspirando para acabar com o cristianismo; entre outros. Pode-se afirmar, portanto, que a franco-maçonaria, mesmo após séculos de existência, continua suscitando amplo interesse tanto de pesquisadores acadêmicos quanto de autores não especializados — maçons ou *cowans* — que se dedicam à produção de narrativas, teorizações e investigações diversas sobre a ordem. Como observa John Dickie (2022, p. 23), “o gênero da revelação de segredos maçônicos parece nunca morrer”.

## 4.2. A APOTEOSE HUMANA: REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIO MAÇÔNICO

### 4.2.1. A Construção do Crível: Estratégias Narrativas para o Imaginário

O antagonista de *O Símbolo Perdido*, Mal’akh, ao sequestrar Peter Solomon e coagir o auxílio intelectual do simbologista Robert Langdon em sua busca por antigos e misteriosos

segredos, acredita que a maçonaria estadunidense seja a ponte para desvendar e acessar o conhecimento que ele almeja. De acordo com o vilão, escondido em algum lugar da emblemática arquitetura maçônica de Washington D.C. se encontra um Símbolo Perdido que, como os antigos acreditavam, conceberia a quem fosse digno saberes que mudariam a história da humanidade. Ao longo da narrativa, no entanto, é revelado que esse símbolo, na verdade, é uma Palavra Perdida e que os seus ensinamentos podem proporcionar a apoteose humana, ou seja, a transformação do ser humano em um deus.

Para desenvolver a premissa da história acima, Dan Brown realiza algumas escolhas literárias que, juntamente com as suas representações sobre a maçonaria, contribuem para o desenvolvimento de um imaginário social sobre a fraternidade. A primeira decisão do autor é fazer o uso de elementos da realidade para evocar um certo teor de veracidade a sua narrativa. Logo no prólogo do livro ele afirma:

F A T O S - Em 1991, um documento foi trancado no cofre do diretor da CIA. O documento continua lá até hoje. Seu texto em código inclui referências a um antigo portal e a uma localização subterrânea desconhecida. O documento também contém a frase: “Está enterrado lá em algum lugar.”

Todas as organizações citadas neste romance existem, incluindo a Francomaçonomia, o Colégio Invisível, o Escritório de Segurança, o Centro de Apoio dos Museus Smithsonian (CAMS) e o Instituto de Ciências Noéticas. Todos os rituais, informações científicas, obras de arte e monumentos citados neste romance são reais (Brown, 2013, p. 8).

Sobre o documento da CIA o presente trabalho não encontrou informações suficientes para atestar ou não a sua concretude, entretanto, com relação aos dois outros fatos, as organizações, as obras de arte e os monumentos utilizados realmente existem, já os rituais serão analisados de forma mais detalhada posteriormente – não iremos discutir profundamente sobre as informações científicas. Essa estruturação do prólogo não é exclusiva de *O Símbolo Perdido*, visto que o escritor a utiliza em algumas de suas outras obras, e parece ter como objetivo incitar o leitor a ter uma postura mais inclinada a aceitar e credibilizar o que lhe for apresentado.

A própria ambientação em Washington também surge como uma forma de alimentar esse objetivo, uma vez que muitos dos monumentos e construções da capital dos Estados Unidos que versam sobre a formação do país realmente fazem referências a história da maçonaria em território nacional (Keghel, 2017) – como o Capitólio, o Monumento de Washington, a Casa do Templo, entre outros<sup>8</sup>. Somado a tudo isso, ainda se tem a descrição de

---

<sup>8</sup> A importância dessa técnica literária é tamanha que o autor, em 2010, lançou uma versão ilustrada de *O Símbolo Perdido*, que apresenta todas as construções, monumentos e símbolos maçônicos presentes em Washington D.C e que são utilizados ao longo de sua narrativa inicial. Ver: BROWN, Dan. *O símbolo perdido: edição ilustrada*. Tradução de Fabiano Morais. 1. ed. São Paulo: Sextante, 2010.

rituais e informações sobre diversos assuntos (indo da origem da tatuagem, ao uso historicamente correto da gravata, até aos avanços da ciência noética). Ao apresentar todos esses artifícios com profunda ênfase e suposta propriedade, o autor acaba transparecendo um atestado de veracidade que influencia na experiência leitora e pode induzir a certos posicionamentos – vale destacar que, concomitantemente a isso, ele recebe diversas críticas do público especializado, que apontam grandes erros históricos em suas narrativas. A título de exemplificação, segue abaixo comentários que alguns leitores de *O Símbolo Perdido* deixaram no Skoob e que versam sobre essa primeira decisão do autor<sup>9</sup>:

[Leitor 3] Para os amantes da ciência, esse livro é perfeito para vocês, não conseguia ler sem marcar frases, fazer pesquisar e pensar muito no que era apresentado. Eu sei que o livro é uma ficção, mas as vezes me lembra um artigo científico, pois o autor deixa tudo real, ele usa cenários verdadeiros, pinturas, livros, celebridades históricas e além disso a própria história e suas derivações ao seu favor! Meu autor favorito é PERFEITO!

[Leitor 4]: Sinto que nesse livro o autor teve a intenção de focar mais no conteúdo passado para o leitor do que a trama em si, a história é muito boa e tem muita emoção, porém senti que as informações e crenças acerca de ciência noética, religião e a maçonaria predominaram. Esses assuntos dão um toque de conhecimento muito importante nos livros dele já que você não apenas lê uma trama, mas aprende demasiadamente sobre história, arte e religião e, principalmente, a relação entre eles. EU AMO ESSE CARA.

[Leitor 5]: Amo que sempre que termino uma aventura do professor Langdon saio querendo ler mais outros livros citados e querendo pesquisar cada detalhe dos lugares e das obras de arte citadas ao longo do livro, além de querer estudar todas as linhas de raciocínio filosóficas, históricas, religiosas ou científicas que compõem a narrativa e ligam os pontos (por menores que sejam) umas aos outros. A história me prendeu de uma forma absurda, como eu adoro que um livro faça. Acho que esse é um dos livros que todo mundo deveria ler pelo menos uma vez na vida.

[Leitor 6]: Dan Brown é um autor que utiliza de diversos elementos reais para dar veracidade às suas histórias e nos fazer acreditar que tudo que estamos lendo é verdade. Obviamente não é o caso, mas a sensação ao ler suas obras é essa. Ele tem mistérios envolvendo lugares reais, longas explicações históricas e capítulos com desfechos instigantes, que te fazem não fechar o livro enquanto você não descobre o que aconteceu.

Através desses comentários é possível perceber que alguns leitores de fato acreditam na credibilidade dos assuntos abordados por Brown, a ponto de, inclusive, se enxergarem em um real processo de aprendizagem. Outros entendem que é ficção, mas, mesmo assim, em muitos

---

<sup>9</sup> SKOOB. Resenhas para *O Símbolo Perdido*. Skoob, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/47661/edicao:478047>>. Acesso em: 20 de março de 2025.

momentos, se veem compelidos a crer no que lhes foi exposto. Já alguns identificam de forma mais efetiva essa mescla entre ficcionalidade e o real, e retiram o melhor da situação: ou serve de motor para “devorar” o livro até o final ou se transforma em um incentivo para ir atrás de estudos verdadeiros sobre as temáticas abordadas. É válido salientar que nem todo o conhecimento histórico-científico descrito pelo autor é infundado. Por exemplo, ao falar de como os textos antigos influenciam a física teórica atual, ele cita o modo como o livro fundamental do misticismo judaico primitivo, *O Zohar – Versão Integral*, oferece grandes contribuições para a formulação da atual teoria das cordas<sup>10</sup>. No entanto, essa exemplificação não representa a regra geral do livro, o que torna fundamental a realização de pesquisas concretas sobre seus conteúdos visto a presença de equívocos histórico-científicos.

A segunda escolha literária do autor conversa diretamente com a primeira: ele atribui um status de profundo letramento não somente aos protagonistas, como aos coadjuvantes e aos vilões. Os pensamentos de Robert Langdon, por exemplo, até em situações cotidianas, são inundados de profundas conexões com assuntos academicamente diversos e com análises críticas embasadas. Essa situação perdura ao longo de todo o livro e o personagem passa a ser a voz transmissora do conhecimento “realmente válido” – além dos momentos que outros personagens também assumem dado papel, como o caso de Katherine Solomon discorrendo sobre a ciência noética.

A terceira e última decisão literária de Dan Brown consiste em utilizar o seu protagonista – e seus principais trejeitos – para assumir o papel de porta-voz das dúvidas que o leitor possa ter ao longo da narrativa. No desenrolar dos acontecimentos de *O Símbolo Perdido* muitas informações são apresentadas para fomentar o enredo e intensificar a aura de mistério e suspense proposta pelo escritor. Com isso, por tratar de assuntos histórico-científicos – sejam eles verdadeiros ou não – em uma frequência constante, o leitor pode se ver com dúvidas diante do que foi apresentado. Para resolver essa problemática, Brown utiliza o ceticismo latente de Robert Langdon para evocar possíveis questionamentos que o seu próprio público poderia ter. Assim, quando assuntos polêmicos ou extensos, geralmente ligados a crenças religiosas, científicas e/ou morais, surgem, o simbologista assume uma postura de questionamento ativo, o que abre brecha para o escritor conseguir desenvolver as suas colocações.

Além desse papel de questionador quando se depara com temas que fogem à sua especialidade (a ciência noética e a relação da física com saberes alquímicos, por exemplo), Langdon, devido a sua formação acadêmica, também assume a função de combater e

---

<sup>10</sup> Ver: AS Sefirot e a Teoria das Cordas. *Revista Morashá*, [S. l.], jan. 2013. Disponível em: <https://www.morasha.com.br/misticismo/as-sefirot-e-a-teoria-das-cordas.html>. Acesso em: 25 de março de 2025.

desmistificar algumas ideias pré-concebidas sobre a franco-maçonaria baseadas no senso comum. O interessante é que, muitas vezes, Dan Brown realiza essa manobra utilizando a rememoração de aulas que o professor ministrou em Harvard, no passado, e que tiveram como pauta discussões sobre a natureza da maçonaria. Em suma, ele segue a seguinte estrutura: os alunos levantam dúvidas que seriam as dos leitores, e o autor, representado na figura de Langdon, as responde – sempre com toques de suspense e de arrebato intelectual. Para uma melhor ilustração, segue o trecho:

– Malucos, você disse?

– É isso aí! – disse o aluno, levantando-se. – Sei muito bem o que eles fazem dentro desses prédios secretos! Rituais esquisitos à luz de velas, com caixões, forcas e crânios cheios de vinho para beber. Isso, sim, é maluquice!

Langdon correu os olhos pela sala. – Alguém mais acha que isso é maluquice?

– Sim! – entoaram os alunos em coro. Langdon deu suspiro fingido de tristeza.

– Que pena. Se isso é maluco demais para vocês, então sei que nunca vão querer entrar para a minha seita.

Um silêncio recaiu sobre a sala. A integrante da Associação de Alunas pareceu incomodada.

– O senhor faz parte de uma seita?

Langdon assentiu com a cabeça e baixou a voz até um sussurro conspiratório.

– Não contem para ninguém, mas, no dia em que o deus-sol Rá é venerado pelos pagãos, eu me ajoelho aos pés de um antigo instrumento de tortura e consumo símbolos ritualísticos de sangue e carne.

A turma toda fez uma cara horrorizada. Langdon deu de ombros.

– E, se algum de vocês quiser se juntar a mim, vá à capela de Harvard no domingo, ajoelhe-se diante da cruz e faça a santa comunhão.

A sala continuou em silêncio. Langdon deu uma piscadela.

– Abram a mente, meus amigos. Todos nós tememos aquilo que foge à nossa compreensão. (Brown, 2013, ps. 44 e 45).

Todas essas preferências literárias, mescladas com o manuseio de elementos primordiais em toda narrativa sobre conspiração e Estados Unidos – tal como alta tecnologia, agentes governamentais altamente treinados e constante ameaça à segurança nacional –, são essenciais e determinantes para o desenvolvimento de um imaginário social acerca da maçonaria moderna a partir de *O Símbolo Perdido*. E diante disso, torna-se importante a realização de pesquisas sobre a temática, pois nos estudos sobre a ficção entende-se que o imaginário exerce um papel importante na vida dos homens, visto que

[...] eles conseguem, por sua capacidade, recriar o mundo a partir de um outro mundo dotado de sinais [a ficcionalidade literária] e acabar vivendo nessa nova criação. Ocorre, pois, uma construção social da realidade a partir de uma cadeia de significados compartilhados (Pesavento, 2003, p. 35).

#### 4.2.2. *Entre a Realidade, o Encanto não Explicado e o Misticismo: a Representação Maçônica*

Ao conceber a maçonaria como um dos principais temas da trama que desenvolve em *O Símbolo Perdido*, Dan Brown assume a responsabilidade de abordar elementos e histórias sobre a instituição para embasar os acontecimentos do livro. O modo como o autor realiza tal proeza, evidencia, após uma leitura seguida por uma análise científica, a representação de uma franco-maçonaria dividida em três faces: a face real (na qual se explana características reais sobre a fraternidade), a face não explicada/romantizada (onde aspectos da maçonaria não são explicados e, muitas vezes, acabam sendo romantizados) e a face mística (que consiste na atribuição de uma aura de mistério à instituição por parte do escritor). Diante disso, é importante investigar como cada uma dessas faces se apresenta ao longo de toda a narrativa literária.

A respeito da primeira, Brown de fato traz verdades sobre a maçonaria, atitude que já se evidenciou anteriormente quando analisamos o modo como Robert Langdon é utilizado para desmistificar algumas ideias pré-concebidas sobre a fraternidade. Entretanto, ao decorrer do livro, o autor explora ainda mais esse aspecto. A escolha por Washington ocorre pois, verdadeiramente, foi uma cidade construída por pais fundadores dos Estados Unidos que eram maçons e que enfeitaram a nova capital com simbolismos, arquitetura e arte maçônica – como o Monumento de Washigton, as inaugurações de construções importantes tendo a realização da cerimônia da pedra angular, a pirâmide com o cume separado nas notas de dólares, a Casa do Templo, e etc. Além disso, as pessoas costumam projetar nesses símbolos ideias malucas, como teorias da conspiração, o que Dan pontua em seu livro e acaba utilizando como pano de fundo.

Para mais, algo que o autor realiza com maestria é a descrição de rituais, símbolos e conceitos maçônicos que de fato condizem com a realidade. Logo no prólogo, é apresentado ao leitor aspectos que são vivenciadas no interior de um templo no momento de uma iniciação, como o uso de certas roupas e adereços e o comportamento que os indivíduos devem assumir nesse momento ritualístico – como a realização do juramento de Irmandade e de igualdade, mesmo que fora dali ocupem cargos menos ou mais importantes na sociedade. Exemplos claros dessa manobra feita por Brown, é a excelente descrição da Câmara de Reflexão e a explicação de como se usa a Cifra Maçônica (cifra utilizada pelos maçons que consiste na simples substituição de símbolos por letras, a depender de um determinado esquema).

Assim, Dan desenvolve a sua narrativa trazendo mais algumas pequenas informações sobre a maçonaria, como: a necessidade de rituais de ascensão para os escalões superiores (não é de primeira); a camaradagem, lealdade e comprometimento uns com os outros que, na teoria, é algo defendido pelos maçons; a instituição tem como premissa mostrar o verdadeiro potencial do indivíduo; o fato de que alguns membros do próprio clero católico podem ou já foram maçons, visto que a instituição não é antirreligiosa; a maçonaria não é uma sociedade supersecreta, mas sim uma sociedade com segredos (o autor até utiliza como exemplo a Coca-Cola); e a existência de grupos paramaçônicos que praticam efetivamente a filantropia, como os shriners. A quantidade de elementos sobre a franco-maçonaria é tamanha que Ailton Elisiário de Souza, maçom ativo e engajado, escreveu um artigo analisando cada aspecto apresentado no livro e a forma como eles foram abordados<sup>11</sup>. Como a existência dos pavimentos de mosaico e das câmaras de reflexão nas Lojas; a simbologia do sacrifício ritual, da Palavra Perdida e do circumponto para a fraternidade; o ato de beber vinho durante a iniciação do Grau 33; a utilização do alfabeto maçônico; entre outros.

Por último, acerca dessa face real, o autor aborda duas questões bastante certas sobre a relação da maçonaria com a vida social atualmente. A primeira é a dúvida se a maçonaria possui ou não um papel tão ativo na sociedade como era antigamente:

Langdon não sabia ao certo quão poderosos os maçons ainda eram e não estava disposto a enveredar por essa seara. As opiniões sobre os maçons modernos iam de um bando de velhotes inofensivos que gostavam de se fantasiar... até um conluio secreto de figurões que controlava o mundo. A verdade estava sem dúvida em algum lugar entre essas duas concepções. (Brown, 2013, p. 44).

Esse questionamento não está presente somente nas Lojas, como nas próprias pesquisas acadêmicas sobre o assunto. John Dickie (2022), por exemplo, discute em seu livro até que ponto a maçonaria atual está desempenhando um papel participativo na vida em sociedade, levando em conta toda a sua participação na construção do mundo moderno. A análise do historiador chega a mesma conclusão que a de Brown: a verdade está entre as duas opiniões expostas por pelo literário na página 44 de *O Símbolo Perdido*.

Já a segunda questão é desenvolvida quando o motivo que justificou a inserção da CIA nos acontecimentos que se seguiram após o sequestro de Peter Solomon foi revelado: Mal'akh tinha em sua posse e ameaçava divulgar para a mídia mundial um vídeo que continha vários rituais de iniciação da maçonaria sendo realizados pelos mais influentes e poderosos homens

---

<sup>11</sup> SOUSA, Ailton Elisiário de. O símbolo perdido. **O Buscador**: Revista de Ciência Maçônica, Campina Grande, ano I, n. 3, p. 1–12, jul./set. 2016.

dos Estados Unidos. A problemática em torno da publicação desse material gira em torno das possíveis reações do público e Robert Langdon é o personagem escolhido para dar voz a essa preocupação:

Langdon mal conseguia pensar no que poderia acontecer caso aquele vídeo viesse a público. Ninguém entenderia. O governo enfrentaria uma grave turbulência. O noticiário seria tomado por grupos antimaçônicos, fundamentalistas e adeptos da teoria da conspiração alardeando ódio e medo, dando início a uma nova caça às bruxas puritana. A verdade será distorcida, Langdon sabia. Como sempre acontece com os maçons. [...] Durante um breve instante, Langdon sentiu uma centelha de esperança. Tentou reconfortar a si mesmo dizendo que, se aquele vídeo de fato vazasse, o público provaria ser tolerante e ter a mente aberta. Se analisassem melhor a situação, as pessoas perceberiam que todos os rituais espirituais contêm aspectos que podem parecer macabros quando retirados do contexto – reconstituições da crucificação, ritos judaicos de circuncisão, batismo dos mortos pelos mórmons, exorcismos católicos, o niqab islâmico, as curas xamanísticas pelo transe, a cerimônia judaica de Kaparot e até mesmo a comunhão do corpo e do sangue de Cristo. Eu estou sonhando, sabia Langdon. Este vídeo vai gerar o caos. Ele podia imaginar o que aconteceria caso os líderes mais importantes da Rússia ou do mundo islâmico fossem vistos em um vídeo apertando facas contra peitos nus, fazendo juramentos brutais, simulando assassinatos, deitando-se em caixões simbólicos e bebendo vinho em um crânio humano. A indignação global seria instantânea e arrasadora. (Brown, 2013, pgs. 522 e 523).

Ainda que a inquietação expressa por Langdon possa soar fatalista para muitos, é inegável que a premissa levantada pelo simbologista se manifesta no cotidiano da sociedade contemporânea, especialmente diante da persistência de ideias pré-concebidas sobre a fraternidade, que continuam a se espalhar graças à força do conhecimento baseado no senso comum. Um claro exemplo disso foi quando durante o período de eleição no ano de 2022 um vídeo do candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro – na época o atual presidente – em uma loja maçônica foi publicado na internet e causou grande alvoroço entre os apoiadores do político, como também entre os seus adversários (mesmo sendo um vídeo antigo, como aponta uma reportagem da Folha de São Paulo <sup>12</sup>). No material publicado no dia 4 de outubro de 2022 no site do jornal, a repórter Paula Soprana trouxe algumas colocações de internautas:

"O Bolsonaro é maçom?", "A maçonaria criou o comunismo", "Não acredito que fiz campanha por quatro anos para um maçom", "Em perfil de maçom, eu passo longe. Lixo satanista!" e "Pessoal, o vídeo é verdadeiro, não adianta negarmos. A pergunta que fica agora é: por que o nosso presidente está participando de cerimônias maçom?" são amostras dos comentários de frustração em grupos pró-governo. [...] Além do vídeo, a ofensiva digital contra Bolsonaro passou a divulgar fake news com montagens do presidente

---

<sup>12</sup> Ver SOPRANA, Paula. Bolsonaristas entra em parafuso com vídeo do presidente na maçonaria. **Folha de São Paulo**, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/bolsonaristas-entram-em-parafuso-com-video-do-presidente-com-maconaria.shtml>. Acesso em: 01 de maio de 2015.

associando-o ao demônio. Também há alguns comentários que aparentam ser de infiltrados, escritos sem erro de grafia e com pontuação, o que destoaria da comunicação rápida desses grupos, e ilustrações no lugar das fotos de perfil. "O plano oculto de Bolsonaro foi descoberto pela igreja, a mando da maçonaria, o Bolsonaro quer implantar o chip da besta na população crente, em aliança com George Soros, Mark Zuckerberg e iluminatis", diz uma mensagem. (Folha de São Paulo, 2022).

O indicativo de que o candidato Bolsonaro tivesse alguma associação à instituição, além de ter causado grande alvoroço entre os seus apoiadores que nutriam posicionamentos desfavoráveis à Irmandade, serviu como estratégia política para a sua oposição se posicionar levando em consideração a má fama da maçonaria em alguns círculos no Brasil:

[...] Apoiador de Lula, o deputado federal André Janones (Avante-DF) se adiantou e fez uma live no fim do dia. Disse que antes de se converter evangélico, foi convidado a ingressar na maçonaria. A então sogra, contudo, teria lhe mostrado um vídeo explicando "o que acontece lá, o pessoal que vende a alma, o negócio do pacto lá com o bode etc." "A gente não sabe o que Bolsonaro negociou lá na maçonaria para eles apoiarem ele. Não estou dizendo que ele fez isso. Mas não posso garantir, por exemplo, que ele não negociou em nome dos próprios eleitores." O parlamentar escolheu como cenário da live o pátio do Templo de Salomão, da Igreja Universal do Reino de Deus, fechada com Bolsonaro. (Folha de São Paulo, 2022).

Diante disso, é possível perceber que as duas questões apresentadas por Brown em *O Símbolo Perdido* — tanto a dúvida quanto ao papel atual da maçonaria na sociedade, quanto a preocupação em torno da exposição de seus rituais — revelam como a instituição ainda está profundamente imersa em uma teia de preconceitos, julgamentos precipitados e especulações que se alimentam do desconhecimento. O caso envolvendo o vídeo do ex-presidente Bolsonaro é uma prova concreta de como símbolos e associações ligadas à maçonaria seguem despertando reações carregadas de tensão e sensacionalismo, muitas vezes utilizadas estrategicamente dentro do jogo político. Assim, as reflexões propostas pela ficção de Dan Brown encontram eco na realidade.

A face não explicada/romantizada que o autor apresenta talvez não seria tão evidenciada em algum outro livro de ficção, todavia, por Brown atribuir todas aquelas estratégias narrativas para o imaginário, sobretudo o letramento dos personagens, faz com que tal face ganhe notoriedade. É importante mencionar, a princípio, que o escritor não possui uma postura imparcial com relação a maçonaria, o que fica explícito para os leitores e para os pesquisadores que se debruçam na escrita — como é o caso de John Dickie (2022). No trecho a seguir, Robert Langdon sai em defesa da fraternidade quando Sato, autoridade da CIA, começa a questionar a integridade da instituição “Para seu governo, minha senhora, toda a filosofia maçônica se baseia

nos conceitos de honestidade e integridade. Os maçons estão entre os homens mais dignos de confiança que a senhora jamais poderia sonhar em conhecer” (Brown, 2013, p. 125). Assim, esse posicionamento do autor influencia diretamente o modo como a maçonaria é representada em seu livro.

Toda a trama desenvolvida por Brown tem como ponto de partida a maçonaria estadunidense pertencente ao Rito Escocês, visto que Peter Solomon, a figura maçônica central de *O Símbolo Perdido*, é o Grão Mestre do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito da Jurisdição Sul dos Estados. Essa predileção do autor acaba criando e reforçando uma visão generalizada sobre a maçonaria, na medida em que características específicas deste rito são trazidas à tona assumindo um papel de exemplificação do todo maçônico. Ou seja, mesmo com Robert Langdon evidenciando em certo momento que a fraternidade é composta por outros ritos, o escritor constrói uma narrativa literária que entende as especificidades do Rito Escocês como uma regra para a franco-maçonaria e acaba retirando toda a complexidade das relações entre as instituições maçônicas.

Dentro do eixo de aspectos maçônicos não explicados e/ou generalizados, no prólogo de *O Símbolo Perdido*, ao discorrer sobre o ritual de iniciação nos graus superiores, o autor expõe a punição que a fraternidade infligiria ao iniciado caso publicizasse os segredos que lhe seriam revelados: a morte. Ao não evidenciar que dada punição assume um papel metafórico, como uma alegoria, já que “[...] o elaborado culto do secretismo na maçonaria é uma ficção ritual. Os terríveis castigos por quebra de juramento são apenas teatro – nunca serão aplicados” (Dickie, 2022, p. 32), Brown leva o leitor a realmente acreditar que os maçons que fogem ao juramento do secretismo estarão sujeitos a morte. Ademais, ainda nessa perspectiva, o escritor ao dissertar sobre a relação das mulheres com a maçonaria apenas cita a Estrela do Oriente – instituição paramaçônica que contempla a participação de mulheres – e deixa de lado as Lojas mistas, as de Adoção e as Lojas femininas, que mesmo não sendo reconhecidas por todos os ritos, possuem o seu papel no viver maçônico mundial.

Para além disso, por possuir um posicionamento parcial com relação a fraternidade, Brown acaba romantizando certos aspectos da maçonaria estadunidense. Como exemplo concreto, temos a não evidenciação da segregação racial existente na vida maçônica dos Estados Unidos, onde se tem as Lojas tradicionais (para brancos) e as Lojas Prince Hall (para negros) (Dickie, 2022). Assim, nota-se em *O Símbolo Perdido* uma visão idealizada da real aplicabilidade dos valores defendidos pela franco-maçonaria. Segue trecho em que o professor Robert Langdon está explicando para os seus alunos em Harvard sobre como a religiosidade é contemplada pela maçonaria:

- Parece meio esquisito – comentou alguém.
- Ou, quem sabe, estimulante e libertador? – sugeriu Langdon.
- Nesta época em que culturas diferentes se matam para saber qual é a melhor definição de Deus, poderíamos afirmar que a tradição maçônica de tolerância e liberdade é louvável. – Langdon caminhou pelo tablado. – Além do mais, a Maçonaria está aberta a homens de todas as raças, cores e credos, e proporciona uma fraternidade espiritual que não faz qualquer tipo de discriminação. (Brown, 2013, p. 43).

Para mais, continuando com os resquícios da parcialidade do autor, Langdon, ao analisar como a maçonaria possui um passado de perseguições e falsas ameaças, postula que a fraternidade nunca assumiu um papel de defesa com relação as críticas: “Regularmente acusados de todo tipo de coisa, de culto ao demônio até conspiração para formar um governo único mundial, os maçons tinham também uma política de nunca reagir às críticas, o que os tornava um alvo fácil.” (Brown, 2013, p. 125). Todavia, como afirma Dickie (2022), a instituição, nos lugares que se instalou, influenciou de algum modo a sociedade em seu entorno e desempenhou um papel de valorização dos seus aspectos internos, ou seja, tiveram reações diversas que visavam a defesa de sua organização. Não indo muito distante do cenário nacional brasileiro, os historiadores Eliane Colussi (1998) e Alexandre Mansur Barata (2002) desenvolveram riquíssimos trabalhos que abordam essa postura ativa e política da maçonaria do Brasil frente aos seus inimigos/opositores.

Por último, evidencia-se a terceira face da maçonaria representada por Brown em *O Símbolo Perdido*: a mística. Segundo Jacob (1991) a ligação entre o misticismo e a maçonaria nem sempre esteve presente na história da instituição, uma vez que começou a ocorrer após a segunda metade do século XVIII, quando o contexto cultural, científico, artístico e intelectual da Europa proporcionou dada façanha. A partir disso, essa conexão – sendo praticada pelos maçons ou não – avançou sem precedentes ao longo das décadas e dos meios sociais, indo dos Illuminati, ao hermetismo da Renascença, alquimistas, teóricos da conspiração, entre outros. Diante desse cenário, a face mística construída por Dan Brown para representar a maçonaria não se torna algo inédito, mas sim inserido em uma bolha maior.

Essa terceira forma de representação, basicamente, se desenvolve seguindo a premissa de que a maçonaria dos Estados Unidos – em específico a maçonaria do Rito Escocês – é portadora de um segredo, passado de gerações anteriores de sábios/intelectuais, que é capaz de proporcionar uma triunfal ilustração para aqueles que fossem realmente dignos. Tal segredo viria na forma de uma Palavra Perdida e que, para conseguir alcançar, o indivíduo deveria

decifrar uma série de códigos formados por símbolos maçônicos e elementos da alquimia – como o uso da Mão dos Mistérios. Junto a tudo isso, Brown, ainda, adiciona em sua narrativa a ciência noética, que se relaciona com a franco-maçonaria em uma sincronia bastante certa ao longo do enredo: a primeira tem como base a capacidade do ser humano de realizar grandes feitos a partir de sua mente e alma e a segunda tem como objetivo o aperfeiçoamento do ser humano iniciado por meio de uma busca que parte do interior para o exterior.

Somado a essa dinâmica, o autor atribui aos maçons uma posição de superioridade intelectual com relação aos demais indivíduos da sociedade ao colocá-los como seres esclarecidos que possuem a honra de guardar um segredo que mudará a história da humanidade quando for revelado. Para mais, como uma forma de driblar leitores que pudessem apontar que conhecem a maçonaria de perto e que nada que o autor expõe representa a realidade, Dan estabelece, como uma das suas estratégias narrativas para o imaginário, que esse segredo não está ao alcance de todos os maçons iniciados. Ou seja, acaba evocando a ideia de que existem círculos íntimos e privados dentro da instituição e que os seus membros seriam os verdadeiros responsáveis pela salvaguarda desse segredo a partir da criação da Pirâmide Maçônica. Dessa maneira, ao estruturar esses círculos em seu livro utilizando personagens com muita influência e poder – político e econômico – no meio social, o escritor acaba alimentando as ideias conspiratórias de que maçons poderosos possuem um plano de expandir os seus domínios – tal qual Barruel realizou em seu livro sobre a Revolução Francesa:

Agora eles abriram suas portas para mim, pensou Mal'akh. Três semanas antes, em um ritual obscuro testemunhado pelos homens mais influentes dos Estados Unidos, Mal'akh havia alcançado o grau 33, o mais alto escalão da mais antiga irmandade ainda ativa no mundo. No entanto, apesar da nova posição de Mal'akh, os irmãos nada haviam revelado. E nem vão contar, sabia ele. Não era assim que funcionava. Havia círculos dentro de círculos... irmandades dentro de irmandades. Mesmo que Mal'akh esperasse muitos anos, talvez nunca viesse a conquistar sua total confiança. (Brown, 2013, p. 19).

Esses integrantes dos círculos privados aparecem como pessoas que conseguem enxergar e contemplar os segredos maçônicos de forma genuína, ao contrário daqueles que não são iniciados e enxergam tais revelações como mitos. Quando Robert pergunta a um maçom sobre ele acreditar ou não nesses preceitos secretos, o maçom responde “o ofício da Francomaçonomia me fez ter um profundo respeito por aquilo que transcende a compreensão humana. Eu aprendi a nunca fechar a mente a nenhuma ideia pelo simples fato de ela parecer milagrosa” (Brown, 2013, p. 262). Diante disso, o leitor passa a ter contato com uma representação da maçonaria que possui forte inclinação para o misticismo, haja vista que a fraternidade passa a ser detentora de uma verdade que somente é compreensível para os

esclarecidos iniciados e que poderá mudar o rumo da vida humana. A ideia dessa predileção por maçons que estão nesses círculos íntimos e que possuem a mente aberta para aquilo que pode transcender a nossa compreensão, evoca questionamentos sobre como e por que tais indivíduos alcançam e assume essa posição – adicionando, dessa forma, uma aura sobrenatural a eles.

Por fim, o resultado dessa mescla entre as estratégias narrativas e as representações maçônicas realizadas por Dan Brown é recebido pelo público leitor de formas diferentes<sup>13</sup>:

[Leitor 7]: Muito conhecimento adquirido, como sempre!! Sou aficcionado pela série de Robert Langdon, não são simples romances, são verdadeiras aulas de simbolismo e história. Dessa vez ele desmistifica a francomaçoneria e nos revela ritos, segredos, conhecimentos, lendas e ideologias. Muitas coisas absurdas são atreladas aos maçons, por ser um grupo extremamente selecionado e seletivo. Com essa obra de arte de Dan, podemos compreender um pouco sobre eles.

[Leitor 8]: Robert Langdon mais uma vez envolvido em um jogo de saberes e mistérios. Tudo isso por causa de uma lenda antiga sobre uma pirâmide maçônica e os Grandes Mistérios da humanidade. Um livro cheio de esclarecimentos e de curiosidade sobre a simbologia maçônica. Importante para desconstruir a visão errônea que temos sobre essa organização.

[Leitor 9]: O livro não me chamou tanta atenção pelo fato de ser sobre a maçonaria. Depois de ter um tio no grau 33, você acaba enxergando eles como uma fraternidade qualquer e perde esse misticismo todo. Entretanto a desenvoltura do livro é ótima como todos os outros lidos até agora, então só ficou "chato" pra mim por saber esses rituais descritos.

[Leitor 10]: Acontece que, com *O Símbolo Perdido*, Dan Brown quebrou as barreiras do ridículo. Além da sensação de que já se leu a mesma coisa outras quatro vezes, ele consegue irritar o leitor BEM MAIS do que nos livros anteriores. É uma ladainha sem tamanho, com direito a monólogos patéticos e pseudo-filosóficos, distorções científicas e um puxa-saquismo explícito da Maçonaria. Vamos combinar: quem aqui confia nos "fatos" que Dan Brown expõe em seus livros? Querem saber o que são esses "fatos"? Oportunismo barato, mentiras sensacionalistas, invenções sem pé nem cabeça!

Se por um lado se tem leitores que criticam de forma ferrenha a escrita de Brown ou não se surpreendem tanto com o enredo devido as suas experiências de vida, por outro evidencia-se um público que realmente credibiliza as informações do autor e se sentem em um real processo de aprendizagem ao realizarem a leitura de *O Símbolo Perdido*.

---

<sup>13</sup> SKOOB. Resenhas para *O Símbolo Perdido*. Skoob, [s.d.]. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/47661/edicao:478047>. Acesso em: 20 de março de 2025.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso se propôs a analisar a obra *O Símbolo Perdido*, de Dan Brown, sob a ótica da História Cultural, buscando compreender como o autor representa a maçonaria e contribui para a construção de um imaginário social acerca dessa instituição. Ao adotar a História Cultural como referencial teórico-metodológico, em consonância com autores como Sandra Pesavento, Roger Chartier, Peter Burke e Beatriz Sarlo, foi possível investigar a literatura não apenas como ficção, mas como uma rica fonte histórica capaz de revelar as representações e modos de ver o mundo de uma determinada sociedade ou de um autor em seu tempo. A análise se concentrou na complexa interação entre o texto literário, a intencionalidade do autor e a recepção do público leitor, reconhecendo a leitura como um ato criador que também molda o imaginário

Embora o escritor não possua a responsabilidade/o dever de ser fidedigno com a realidade dos elementos que evoca em sua literatura ficcional, ao utilizar as estratégias narrativas visando o convencimento – principalmente a de mesclar elementos da realidade com a ficção –, acaba criando uma fronteira tênue entre esses dois mundos. Assim, entender como este livro representa a maçonaria é de suma importância, visto que, como aponta Pesavento (2003), a ficcionalidade literária, ao ser compartilhada e recriada pelos leitores, contribui para a construção social da realidade.

Em suma, a análise de *O Símbolo Perdido* permitiu concluir que Dan Brown, operando sob a lógica da cultura pop e do entretenimento, contribui com o desenvolvimento de um imaginário maçônico atual complexo e multifacetado. Este imaginário é forjado pela habilidade de integrar elementos reais, conferindo à narrativa um ar de veracidade que impacta a percepção dos leitores; pela idealização de certos aspectos da instituição; e, sobretudo, pela acentuação de uma face mística e conspiratória que é amplificada para gerar suspense e fascínio. A representação de Brown não busca a veracidade histórica estrita, mas sim a verossimilhança capaz de prender o leitor e evocar um universo de mistério e conhecimento secreto.

Por fim, estudo de obras de literatura de massa demonstra ser crucial para a História Cultural, pois, funcionam como vestígios portadores de historicidade. Elas refletem e, ao mesmo tempo, moldam o horizonte de expectativas e o imaginário de vastas camadas da sociedade. A forma como Dan Brown representa a maçonaria, mesclando fatos, idealizações e misticismo, utilizando estratégias que levam leitores a crerem no que lhes é apresentado e que espelham preocupações reais sobre a percepção pública da instituição, evidencia o poder da narrativa ficcional na construção e perpetuação de representações sociais. Assim, a obra

contribui significativamente para um imaginário maçônico contemporâneo que segue oscilando entre o respeito e o desinteresse por seus valores declarados, o fascínio pelo seu secretismo e a desconfiança alimentada por teorias conspiratórias.

## REFERÊNCIAS

### Fontes:

BROWN, Dan. **O Símbolo Perdido**. Tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Arqueiro, 2013.

SKOOB. Resenhas para **O Símbolo Perdido**. Skoob, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/47661/edicao:478047>>. Acesso em: 20 de março de 2025.

### Bibliografia:

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. Maçonaria: História e Historiografia. **Revista USP**: São Paulo, n. 32, 1997, p. 178-189.

BARATA, Alexandre Mansur. **A Maçonaria e a Ilustração Brasileira**. História, Ciências, Saúde — Manguinhos: 1994, p. 78-99.

BARROS, José D'Assunção. **História Cultural**: um panorama teórico e historiográfico. Textos de História, vol. 11, nº 1/2, p. 145-171, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27855>>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2025.

BROWN, Dan. **O símbolo perdido**: edição ilustrada. Tradução de Fabiano Moraes. 1. ed. São Paulo: Sextante, 2010.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** . Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

\_\_\_\_\_. Literatura e História. **Topoi**, Rio de Janeiro, nº 1, 1999, pp. 197-216.

\_\_\_\_\_. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

COLUSSI, Eliane Lucia. **Plantando Ramas de Acácia**: a maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.

DAN BROWN OFICIAL (WEBSITE). **Sobre o autor**. Disponível em: <<https://danbrown.com/>>. Acesso em: 24 de julho de 2025.

DICKIE, John. **A Maçonaria**: Como os Pedreiros-livres Construíram o Mundo Moderno. Reimpressão 2022. Brasil: Edições 70, 2022.

INSTITUTE OF NOETIC SCIENCES (IONS). *Noetic Sciences*. Disponível em: <<https://noetic.org/about/noetic-sciences/>>. Acesso em: 24 julho de 2025.

JACOB, Margaret Candee. *Living the Enlightenment*: Freemasonry and Politics in Eighteenth Century Europe. Oxford University Press, 1991.

KEGHEL, Alain De. *American Freemasonry*: Its Revolutionary History and Challenging. Inner Traditions: Toronto, Canadá, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, n. 14, set. 2003, p. 31-45.

\_\_\_\_\_. **História & História Cultural**. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2012.

REIS, Elaine Cristina. **O Código da Vinci**: diálogos e ruídos entre teologia e literatura. Dissertação (Mestrado em Literatura - Área de Concentração: Teoria Literária) - Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Tradução Sérgio Alcides – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SOARES, Thiago. Abordagens Teóricas para Estudos Sobre Cultura Pop. **Logos** v. 2 n. 24 (2014): Cidades, Culturas e Tecnologias Digitais. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/logos.2014.14155>>. Acesso em 20 de março de 2025.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. Tradução de Maria Júlia Cottvasser. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.